

Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ Nº 165 OUTUBRO DE 2025 CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR



PELO BURACO DA FECHADURA

Cândido destaca como a literatura de terror se entrelaça
com a cultura urbana, as lendas e a tradição oral

Índice

4 ESPECIAL CAPA

Fantasma à espreita

Bianca Weiss

13 RETRANCA

Prateleira

Bianca Weiss

17 ENTREVISTA

Visita à literatura nikkei

Oscar Nakasato

por Isa Honório

28 ENSAIO

Mulher-Araucária, símbolo de um novo paranismo

Adriana Tulio Baggio

34 OUTRAS PALAVRAS

Mulheres que circulam pela cidade

Bruna Alcantara, Cris Pagnoncelli e Maria Vitória Rosa

por Naomi Mateus

45 TRECHO INÉDITO

Vítimas perfeitas e a política do apelo

Mohammed El-Kurd

Tradução por Rogerio W. Galindo

Editora Tabla

50 VII PRÊMIO LUCI COLLIN: POESIA

Tortura

Paulo Eduardo Gonçalves

53 FOTOGRAFIA

Cida Godoy – Mestra do Terror

Tami Taketani





Fantasma à espreita



Bianca Weiss



Lendas urbanas são motor para a literatura de terror; nas sombras de Curitiba o real se mistura com o imaginário criando uma terceira opção: o assustador

O terror na literatura é um gênero que pode vir em variados formatos, seja num plano mais psicológico, utilizando da própria natureza humana como motor, ou com personagens fantásticos e figuras mitológicas. Lobisomens, fantasmas, assombrações de todo tipo e até mesmo os vampiros são alguns exemplos de seres marcantes nessas narrativas, que causam tensão constante, medo e aquele pulo que a gente dá quando acha que viu vulto em uma sombra escura, numa noite qualquer.

Lendas urbanas: um motor para a literatura de terror

A origem do gênero "terror" remonta as histórias folclóricas e religiosas, lendas passadas oralmente por famílias e povoados, mistérios aparentemente sem solução que foram ganhando uma roupagem quase mística conforme foram sendo recontados. As histórias sobre monstros e demônios sempre foram utilizadas como ferramentas para diferir o certo do errado, tanto nas civilizações mais antigas como nos próprios contextos vividos pelos antepassados que hoje moram nas cidades — aqueles avós que contavam inúmeras histórias de lobisomens para afastar as crianças da mata durante a noite.



Foto: Divulgação / Medium / Cru Colab

➤ Carlos Panhoca

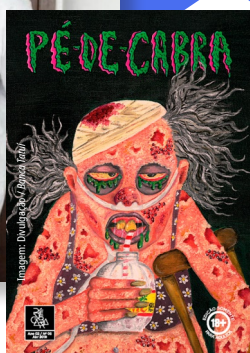


Imagem: Divulgação / Pé-de-Cabra

➤ Capa da 2ª edição de *Pé-de-Cabra*, 2019

Carlos Panhoca, editor da revista *Pé-de-Cabra*, atua com quadrinhos independentes e conta que já trabalhou no Arquivo Histórico de Araucária, trazendo coisas que ocorriam no trabalho de resgate da memória oral. "A gente acaba escutando muita coisa de lenda. Você está escutando ali a história da imigração de alguém, daí aparece um lobisomem. Aí você se dá uma perguntada extra, não é todo dia que você tem um lobisomem no meio da história", comenta.

Essas lendas e contos de fada, intrincados nas histórias dos mais antigos, propiciam um ambiente fértil para que a imaginação se solte para todos os lados, inclusive dando vazão ao grotesco, aos pensamentos insólitos e a facetas do ser humano que são explicitadas pelos monstros e figuras mitológicas das histórias de terror. Sendo um gênero que busca causar medo, nada melhor do que o imaginário popular ou o próprio ser humano para dar início a uma boa história.



➤ Capa de
Lendas Curitibanas
(Instituto Memória,
2013) de Luciana do
Rocio Mallon



"As lendas servem de inspiração para escritores curitibanos", comenta Luciana do Rocio Mallon, autora de livros sobre lendas paranaenses. Ela ainda traz o exemplo de Dalton Trevisan, um dos escritores símbolos da cidade, apelidado de Vampiro por conta de seu livro *O Vampiro de Curitiba* (1965), se tornando ele mesmo uma própria lenda curitibana, também por sua postura reservada e aura de mistério. "Essa inspiração das lendas urbanas é de extrema importância para a cultura do estado e da cidade. Uma comunidade também é feita de tradições, costumes, lendas e pessoas. Além disso, é uma forma de mostrar parte dessa cultura para o resto do Brasil e do mundo" ressalta a autora.

Uma Curitiba com fantasmas à espreita

A relação de Curitiba com o gênero envolve não só pessoas e histórias popularmente difundidas, mas também abarca os locais. A jornalista Luciana Penante é idealizadora do tour Curitiba Sombria, que passa por locais, muitos deles históricos, relacionados com lendas urbanas e aterrorizantes, e comenta um pouco sobre a relação do terror com a cidade. "O nome do tour é uma brincadeira com o clima e a temática, mas isso também influencia a produção cultural local", afirma.

Ela também trouxe na conversa referências a Dalton Trevisan como um grande incentivador dessa onda de produções de terror que a cidade vive e até mesmo um potencializador de seu próprio interesse no gênero quando era mais nova. "Grande parte da nossa produção cultural se entrelaça com um imaginário do terror, do mistério", explica.



> Luciana Penante



> Imagem de divulgação do Tour Curitiba Sombria

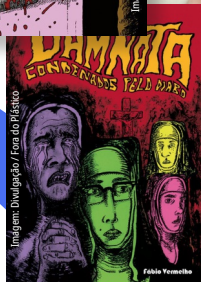
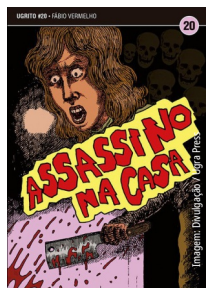


Foto: Divulgação / Quadrinhopédia

➤ Fábio Vermelho, autor de *Assassino na Casa*, número 20 da coleção Ugrito pela Ugra Press e o independente *Damnata: Condenados pelo Diabo* (2024)

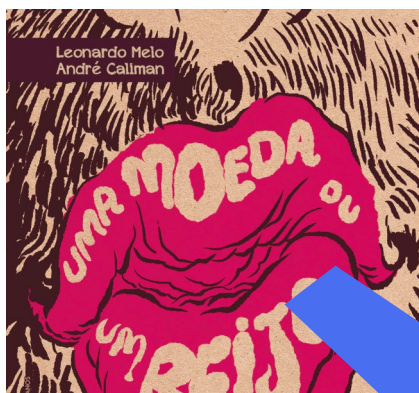
Ao ser perguntado sobre a cidade e o gênero, Fábio Vermelho, quadrinista que tem o terror como um de seus temas, comenta: "De certa forma acho propício à melancolia, o que pode sugerir uma temática mais sombria, e consequentemente, ir para o terror". Seu interesse em mangás — que o lançou no mundo dos quadrinhos junto ao grande volume de filmes de terror *gore* e explícitos que foram lançados nos anos 2000 — o aproximou do gênero, e atualmente aplica em suas obras.

Um dos braços do projeto Curitiba Sombria é o clube do livro, que surgiu de um interesse dos próprios participantes de outras edições do tour. Em um grupo feito para manter o contato entre os interessados em terror que participaram do tour, a ideia de expandir o convívio para além de sessões de cinema conjuntas que começaram a organizar veio por meio da literatura.

Em entrevista ao *Cândido*, Luciana conta que as indicações foram surgindo entre os participantes. Um exemplo é o livro *Uma moeda ou um beijo*, de Leonardo Melo e Andre Caliman, uma homenagem à figura de

Gilda, travesti que se tornou inesquecível para o povo curitibano. "Eu comentei sobre o livro quando falo sobre a Gilda no tour e o Leonardo estava em uma sessão. Depois tivemos a ideia de ser uma de nossas próximas leituras com o clube do livro", conta.

O terror e o mistério em Curitiba vão além do gênero, adentrando a memória da cidade com suas lendas que inspiram histórias novas e reacendem chamadas antigas. A Loira Fantasma, Maria Bueno, Pirata Zulmiro e muitos outros não só trazem uma ótica assustadora para histórias, mas também mantêm viva parte da cultura e tradição oral que vem se perdendo no mundo globalizado.



➤ Capa da edição especial relançada em março de 2025 pela Conrad de *Uma moeda ou um beijo*, inspirada em Gilda



A cena independente

O terror curitibano encontra muito fôlego no meio independente, seja no cinema, nos livros ou nos quadrinhos. As histórias em quadrinhos têm se popularizado por anos na cidade, com um crescimento claro que pode ser visto até mesmo pela proporção da Bienal de Quadrinhos de Curitiba, com edições cada vez maiores. A Editora Pé de Cabra, de Carlos Panhoca, existe desde 2017 e traz temáticas variadas dentro do humor, mas também com trabalhos no gênero terror. "Quando eu passo por esses eventos, como a Bienal de Quadrinhos, ali tinha um stand só de quadrinistas de Curitiba, e eu já não conhecia a metade deles", comenta Panhoca sobre a expansão da cena na cidade.

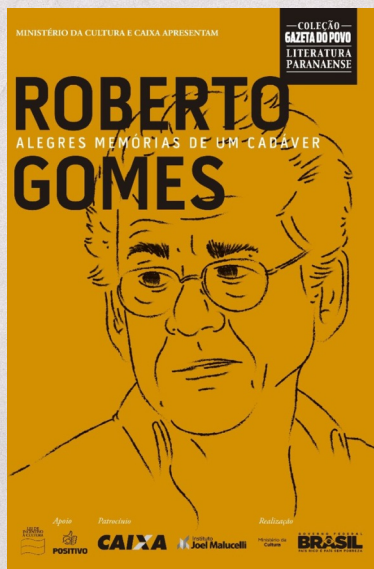
"Acredito que não devemos depender de editoras ou incentivos para fazer arte e quadrinhos", opina Fábio Vermelho. "Acho que o meio de quadrinhos é mais independente, mas não vejo isso de forma ruim, muito pelo contrário. Apesar disso, gosto também que aqui há locais de encontro e de troca, como a Itiban e a Gibiteca, esses sim são espaços importantes e que devemos valorizar", pontua.

"Como sou um cara que veio da biblioteconomia, tem algumas diretrizes em que duas delas dizem: 'para cada livro o seu público, para cada público o seu livro'. Eu não acredito que qualquer manifestação artística, cultural, vai ser única e que só você se interesse naquilo. Alguém vai se interessar. Por mais esquisita que seja, por mais extrema ou genérica", diz Carlos Panhoca.

O terror pode não falar com todos ou ser olhado de lado em seu valor artístico em muitos momentos, mas a produção de arte dentro do gênero ferve em Curitiba. Ao final daquele dia cinza e chuvoso, todos gostamos de procurar os vampiros escondidos nas sombras e as loiras fantasmas em táxis — quem sabe agora estejam também em ubers. <

Prateleira

O *Cândido* indica algumas obras de terror produzidas por artistas brasileiros



Alegres memórias de um cadáver

(Coleção Gazeta do Povo, 2014)

Roberto Gomes

Publicado em 1979, conta a história de um morto que está assombrando uma universidade de Curitiba. O homem era um bibliotecário e sua vida era tão sem graça quanto se pode imaginar. Um romance curto e divertido.

Fantasmogênese: Em Busca da Loira Fantasma

(Fundação Cultural de Curitiba, 2022)

**Antonio Eder e
André Stahlschmidt**

Graphic novel que documenta a lenda urbana da Loira Fantasma de Curitiba. Ela explora a história que surgiu em 1975, quando um taxista relatou ter sido atacado por uma fantasma loira que desapareceu após ser alvejada pela polícia. A publicação reúne a lenda, matérias de jornais da época, e a repercussão cultural do caso.



Enterre seus mortos

(Companhia das Letras, 2024)

Ana Paula Maia

Publicado em 2018, o livro acompanha Edgar Wilson, um removedor de animais mortos em estradas, que tem sua rotina abalada ao encontrar o corpo de uma mulher. Sem que a polícia o recolha, Edgar e seu colega Tomás se tornam guardiões do corpo, numa tentativa de dar um destino mais digno à pessoa. O livro é um romance filosófico com elementos de faroeste que explora temas como abandono, morte, religiosidade e a linha tênue entre o humano e o animal, em uma realidade onde os mortos humanos são frequentemente negligenciados.

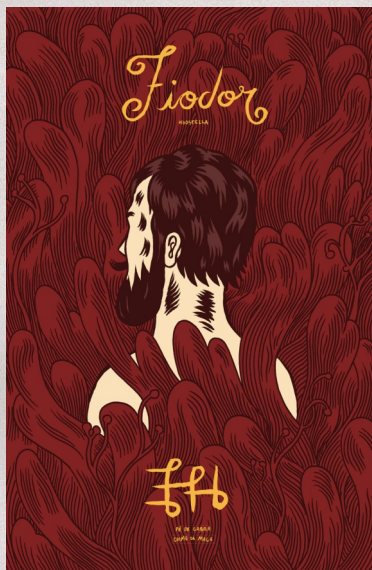


Fiodor

(Pé de Cabra, 2025)

Koostela

Nesta história em quadrinhos, durante uma inacreditável viagem à terra dos atípodas, Fiodor tenta desvendar o significado de seus sonhos, e acaba se deparando com a falta de significado de sua própria vida.

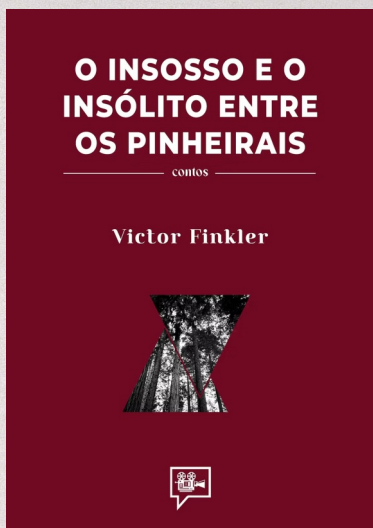


O Insoço e o Insólito entre os Pinheirais

(Coletivo Cine-Fórum, 2024)

Victor Finkler

Coletânea de contos de terror e ficção científica. O livro mistura memórias do escritor com elementos imaginativos e populares da cidade de Araucária-PR.





Bianca Weiss nasceu em Arapongas, no norte do Paraná. Formou-se em Jornalismo na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e colabora com o jornal **Cândido**. Publicou o conto "Paranoias de Papel" na coletânea *Todas as histórias monocromáticas que contamos* (2024), organizada pelo Selo Editorial Coletivo Cine-Fórum.

Visita à literatura nikkei

Oscar Nakasato

por Isa Honório



➤ Oscar Nakasato

➤ "Junte a sua família, vamos para a América do Sul", cartaz de 1925 de promoção da imigração japonesa para o Brasil



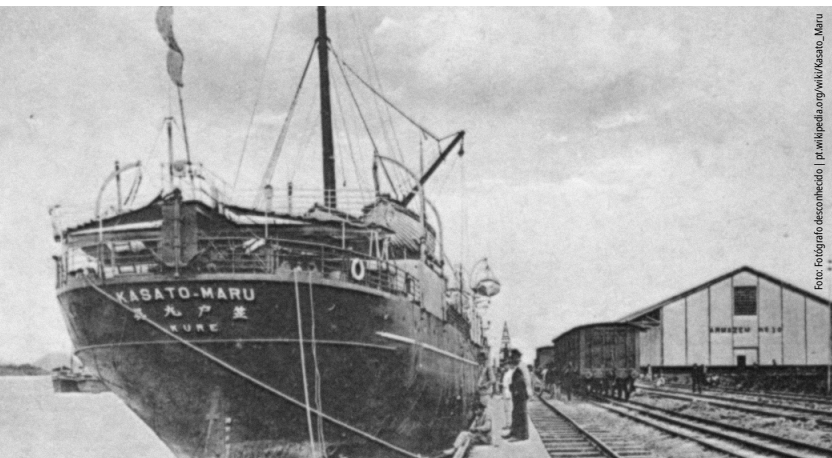
Quando o navio Kasato-maru chegou a Santos (SP), em 1908, trazendo 781 japoneses em busca de trabalho nas lavouras, surgiu o possível primeiro poema do estilo haikai no Brasil. Shūhei Uetsuka, supervisor de imigração e sob o pseudônimo Hyōkotsu, escreveu: "Navio de imigrantes que chega ao porto olhando para o alto, onde as quedas-d'água já não correm mais". Desde a saída da embarcação do Japão, 50 dias antes, a melancolia e a saudade já tomavam conta das lembranças – e da discreta produção literária – desses imigrantes, que sem saber, viam pela última vez o pôr do sol na Terra do Sol Nascente.

Duas gerações depois, Oscar Nakasato, escritor vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Romance por seu livro de estreia *Nihonjin* (2011), imprime em suas narrativas os mesmos sentimentos de distância e ausência, tão comuns entre os nikkeis – japoneses que vivem em outros países e seus descendentes. Nascido em Maringá em 1963, Oscar também é professor de Literatura e Linguagem na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e neto de japoneses que vieram para o Brasil no início do século 20, período em que o país buscava mão de obra estrangeira para se adequar ao sistema produtivo pós-escravidão.

Nihonjin, relançado neste ano pela editora Fósforo, acompanha a saga de uma família nipo-brasileira através das memórias do avô, Hideo Inabata, que imigrou para trabalhar nas fazendas de café no interior de São Paulo. Quem conta a história é o seu neto, Noboru, que como muitos nikkeis, carrega o conflito entre suas identidades brasileira e japonesa. No último romance de Oscar, *Ojichan* (2024) – que significa "vovô" – o autor explora os dilemas da velhice inseridos no contexto cultural nipo-brasileiro. A narrativa acompanha Satoshi, que encara com dificuldade a solidão trazida por sua aposentadoria e pela perda de memória de sua esposa, Kimiko.

Com três romances publicados e ampla pesquisa acadêmica em Estudos Literários, o escritor trabalha em um novo livro, que foge da temática nikkei e da forma romance. No momento, também comemora a chegada nos cinemas da animação *Eu e Meu Avô Nihonjin*, baseado em seu livro de estreia. Em entrevista ao **Cândido**, Oscar Nakasato reflete sobre as contradições entre história e memória, as experiências diaspóricas dos nikkeis no Brasil, literatura japonesa e sobre a recepção de sua obra pelo público e mercado editorial.

➤ Kasato-maru atracado no armazém 14 do porto de Santos (SP) em 1908



A memória é o ponto de partida da sua ficção, mesmo que ela nem sempre seja confiável. Como isso funciona para você?

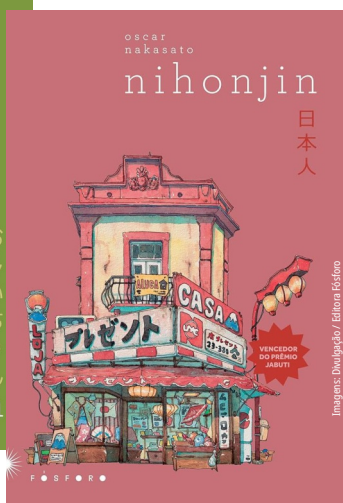
Eu parto do seguinte princípio: a memória não é algo concreto. Não é apenas buscar os fatos com a memória e trazer para o presente da maneira que aconteceu no passado. Eu procuro trabalhar com essa ideia e transpor essa memória que se dilui, desse passado que vai mudando de acordo com a perspectiva do presente. Eu penso nesses elementos para escrever um livro de memórias e, inclusive, eu coloco isso no romance mesmo, os narradores do romance pensam nisso.

Por exemplo, em *Nihonjin*, o personagem conta sobre um passado que ele não viveu e assume que a lembrança do passado foi modificada com o tempo. Ele conta a história pessoal de um imigrante japonês que vem para o Brasil, mas ele insere essa história dentro do contexto da imigração. Ele também vai atrás de livros de história e de antropologia, para entender como foi esse processo de imigração. Tudo isso ajuda a escrever esse livro de memórias, considerando sempre que a história escrita não é exatamente contada como realmente aconteceu.

A solidão e a saudade são temas recorrentes na sua obra. De onde vem essa inspiração?

Tem a ver com o processo de imigração. Porque veja, os japoneses vieram para o Brasil em uma condição diferente de outros imigrantes e com uma cultura muito diferente. Os italianos, alemães e outros povos que vieram para cá, eram europeus e cristãos em sua maioria, falavam línguas mais próximas. Cultura, comida e religião diferente: daí vem a dificuldade de se adaptar. A língua diferente também foi um grande empecilho. Meus avós viveram a maior parte da vida aqui no Brasil, e eu nunca conversei sobre isso com eles, mas com certeza, eles viveram muito tempo sem se sentirem pertencentes a esse país, e acho que isso é uma tragédia. Eles viviam isolados, na língua, cultura, música, costumes.

Para os imigrantes, não voltar [para o Japão] foi muito duro, porque eles vieram com a missão de trabalhar por alguns anos e ganhar muito dinheiro, porque foi vendida essa ideia para eles. Houve um acordo entre os governos japonês e brasileiro e tinham propagandas no Japão do tipo "venham para o Brasil", e "o café é o ouro brasileiro". Aí vieram para cá e perceberam que não era bem assim. As condições de trabalho eram quase de escravidão. Não conseguiram juntar dinheiro e pouco a pouco foram percebendo que não voltariam. Essas foram as condições de meus quatro avós. Imagino que deve ter sido muito duro para eles. Os japoneses, que naquele período eram muito nacionalistas – um nacionalismo quase doentio que existia, porque eles se consideravam uma raça superior – e essa foi uma das dificuldades de se adaptar ao Brasil e de se relacionar com as outras etnias que existiam aqui. O sentimento de não pertencimento tem muito a ver com a solidão, com certeza.



► Edições de *Ojiichan* (2024) e *Nihonjin* (2025) pela editora Fósforo

Qual a consequência desse isolamento linguístico para a produção literária de nikkeis no Brasil?

Na minha pesquisa para Doutorado, pesquisei personagens nikkeis da literatura brasileira. Encontrei poucos. Aí eu vi também que não havia escritores nikkei. Essas pesquisas eu fiz a partir do final da década de 90 e encontrei a primeira escritora da década de 70, Eico Susuki. Ou seja, os japoneses haviam chegado já faziam mais de 60 anos e só aí encontramos essa escritora. Havia poucos, e ainda não conseguiam muita expressão no cenário da literatura brasileira. Acho que isso se deve ao fato da língua, principalmente. Demorou muito tempo para que os descendentes comessem a utilizar a língua portuguesa efetivamente.

Quando falamos em literatura nipo-brasileira, geralmente o que vem à mente é a unidade temática das narrativas. Existe também uma unidade de estilo e linguagem?

Podemos pensar em literatura nikkei de duas formas principalmente: a literatura nikkei produzida por nikkeis, e a literatura com a temática nikkei. No meu caso, a minha literatura é nikkei porque eu sou nikkei e a temática é nikkei também, mas há a literatura feita por nikkeis que a temática não é nikkei, e pode haver também a literatura com temática nikkei que não é escrita por nikkei. Mas eu percebo, entre os escritores nikkeis que eu conheço, que há muitos que escrevem sobre esta temática.

Quais são as maiores diferenças que você enxerga entre a literatura brasileira e japonesa?

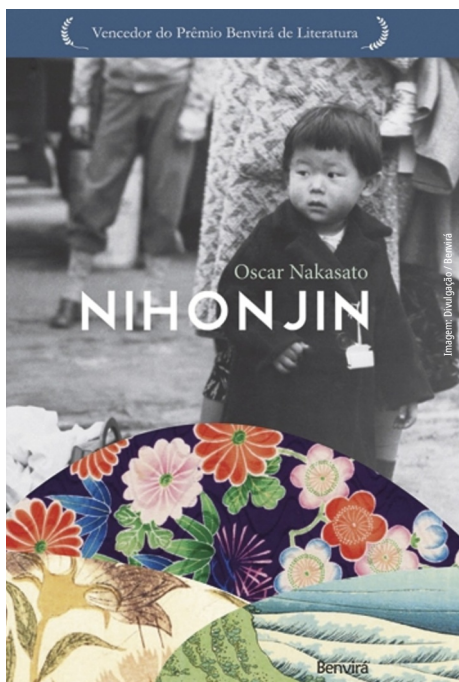
Eu gosto de ler literatura japonesa por minha ascendência étnica, mas também porque gosto muito. Ela é difícil de sintetizar, porque há uma diversidade de escritores com características diferentes. Mas, se eu pudesse usar um termo para falar sobre literatura japonesa, seria uma certa "contenção narrativa". Neste mo-

do de narrar deles não há exagero, não tem muitas figuras, eles se contém, são econômicos. Embora haja alguns escritores que usam uma linguagem poética também, eu vejo muito nos escritores mais recentes uma linguagem mais direta, bastante incisiva. Acho que talvez isso defina um conjunto de escritores japoneses. A contenção nos dois aspectos: narrativa e linguagem. Na literatura japonesa, eu não vejo grandes livros de 500 páginas, como nos clássicos russos, alemães e até mesmo brasileiros. A maioria tem cento e poucas páginas. O Haruki Murakami, mais contemporâneo e que sempre está na lista no Nobel, tem alguns livros maiores, mas não são todos. E as pessoas costumam apontar na minha literatura uma certa "niponicidade", elas percebem alguma identidade na minha narrativa e no meu estilo, talvez um estilo mais antigo, do Yasunari Kawabata e Natsume Soseki, acho que não tanto dos escritores contemporâneos.

Como é a recepção da literatura nikkei no mercado editorial?

Para o bem e para o mal eu faço literatura nikkei. Para o mal porque há um certo estranhamento. Os títulos, como *Nihonjin* e *Ojichan*, de repente as pessoas que veem na livraria não se interessam em comprar o livro, veem e nem sabem o que é. Tem o seguinte também: minha agente está sempre tentando vender os meus romances na Europa, e algo que ela me disse é que eles querem do Brasil algo que eles pensem que é característico do nosso país, ou eles querem uma literatura que não tenha uma identidade étnica. E aí como eles vão entender a história de imigrantes japoneses e o drama vivido pelos nikkeis no Brasil? Muitos deles nem sabem que existe uma comunidade grande de nikkeis aqui. Então tem essa resistência. Agora, para o bem, pelo fato de eu ter ganhado o Jabuti e ser nikkei, todo mundo acaba me conhecendo. Todos conhecem o Oscar Nakasato por causa do nome diferente, da característica da minha obra.

➤ Capa da primeira edição de *Nihonjin* (Benvirá, 2012)



O interesse na sua obra vem primordialmente de descendentes de japoneses ou de não-nikkeis?

No ano passado lancei *Ojichan* e este ano foi relançado *Nihonjin*, pela editora Fósforo, que faz um excelente trabalho de divulgação, e tem muita gente lendo. Pessoas que não tem nada a ver com a comunidade nikkei. Vários grupos de leitura que tem pelo Brasil entram em contato comigo e me mandam fotos, e não tem nenhum nikkei. Eu quero isso. É lógico que a minha literatura tem a identidade nikkei, mas é uma literatura universal, porque fala de dramas do ser humano. Mas os descendentes de japoneses têm uma atenção particular. Nikkeis que nunca haviam lido, leram *Nihonjin*, e muitos compram o meu romance para dar de presente. Existe esse interesse particular, mas ele está sendo muito lido, felizmente, por toda a sociedade brasileira.

► Poster da adaptação em animação de longa metragem de *Nijohnjin* pelo estúdio PinGuim Content (2025)



E como é a resposta dos nikkeis a sua obra?

Eu acho que os relatos de nikkeis são relacionados a esses aspectos da identidade mesmo, eles se identificam com as histórias de alguma forma, porque a história dos imigrantes japoneses tem muitos pontos de conexão. Mas também por alguma característica mínima, por alguma coisa que eu menciono no livro, como o *missoshiro*, um tipo de sopa, que a pessoa lê no meio da história e se identifica porque gosta de *missoshiro*; ou alguma música japonesa, que a pessoa se identifica porque ouvia com o avô em casa. Existem pontos de identificação, e quando eles vêm conversar comigo, geralmente é sobre isso.

Acho bacana que tenham tantas pessoas interessadas. Quero que tenham mais nikkeis que escrevem, e que falem sobre essa identidade – mas não necessariamente só sobre isso.

Nós somos brasileiros. Antes de ser descendentes de japoneses, nós somos brasileiros. Somos brasileiros com origem japonesa, o que nos faz ter uma identidade diferente de outras ascendências étnicas, mas não esperem que a gente escreva só sobre isso. Por exemplo, o meu próximo livro não tem nada a ver com identidade nikkei.

Recomende autores para conhecer a literatura nipônica.

O primeiro escritor é Natsume Soseki, do período Meiji, quando o Japão passou por um processo de ocidentalização. Eu li quatro romances dele, e o que mais gosto é *E depois* (1910). Outro autor de quem gosto é Yasunari Kawabata, ganhador do prêmio Nobel. Gosto de sua linguagem contida, de seu estilo impressionista. O meu romance preferido de Kawabata é *A casa das belas adormecidas* (1961). Por fim, gosto muito do romance *O silêncio* (1966), de Shusaku Endo, que aborda a perseguição sofrida pelos cristãos no Japão do século 17. As reflexões feitas nesse romance sobre deus e o cristianismo já valem a leitura. Este ano li um romance contemporâneo intitulado *A fábrica* (2025), da escritora Hiroko Oyamada, que também achei interessante por abordar o trabalho na atualidade, refletindo sobre a alienação e despersonalização do trabalhador. <



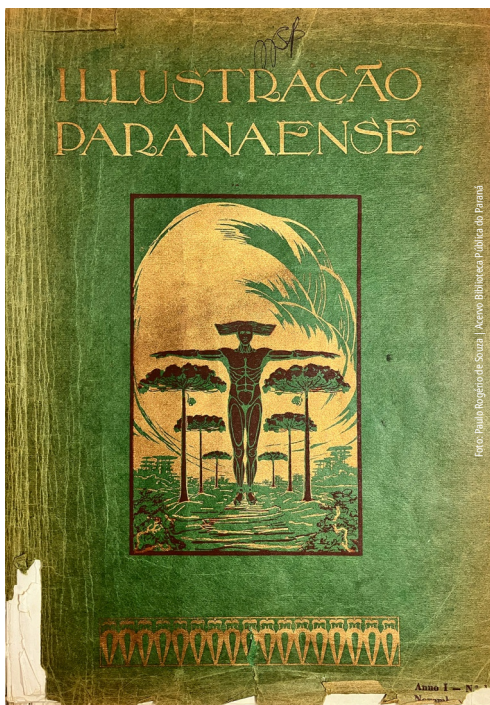
Mulher-Araucária, símbolo de um novo paranismo

Adriana Tulio Baggio

Essa árvore bem alta que ainda ponteia nossas paisagens, de tronco retilíneo e galhos arqueados para o céu, como você a chama? Nos dias de hoje, provavelmente araucária, mas há cem anos, usavam mais o termo pinheiro. A mudança de preferência talvez esteja relacionada ao aumento do cultivo de *Pinus elliottii* em escala comercial a partir de 1960, este sim efetivamente um pinheiro, coisa que, apesar do nome, o pinheiro-do-paraná não é.

Eu acrescentaria outra explicação.

➤ Capa da edição inaugural da *Ilustração Paranaense*, publicada em novembro de 1927



Quando a araucária era pinheiro, ele foi o principal símbolo do Movimento Paranista. As ideias do Movimento eram promovidas pela revista *Ilustração Paranaense*, que circulou de novembro de 1927 a novembro de 1930 (com uma edição extra em fevereiro de 1933). As capas desta publicação traziam quase sempre o desenho de um homem alto, de músculos definidos e braços e cabelos esticando-se para as laterais, emulando a silhueta dos pinheiros perfilados à direita e à esquerda de sua figura. Era o Homem-Pinheiro, criado pelo escultor João Turin (a matriz da gravura está exposta no Memorial Paranista, localizado no Parque São Lourenço, em Curitiba).

O pinheiro se espalhava pelas páginas internas em artigos, poemas, fotografias e ilustrações. Galhos, pinhas e pinhões compunham a diagramação na forma de molduras, frisos e vinhetas. A revista substituiu com pinheiros de papel os que iam sendo abatidos para dar lugar a estradas, ferrovias, cidades, indústrias, plantações e tudo mais que o desenvolvimento capitalista exigisse. O intelectual do Movimento Paranista até lamentava a derrubada do pinheiro, mas se consolava com a utilidade das tábuas e nós-de-pinho para o progresso do estado.

De pé nas florestas — ou mais comumente nos descampados —, o pinheiro servia a analogias viris. As misses destacavam a sua imponência, as declamadoras apareciam apoiadas em seus troncos, as colegas o saudavam em rituais cívicos. O pinheiro era descrito como ereto e altivo, e comparado a torres e sentinelas. Octavio de Sá Barreto o chamou de "noivo de Curitiba" (*Ilustração Paranaense*, set. 1928) e Hermes Fontes imaginou a Curitiba coberta pela neve como uma taça de morangos com creme entre as taças verdes dos pinheiros (*Ilustração Paranaense*, jul. 1928).

Não me parece irrelevante o fato de ter sido uma mulher a oferecer uma leitura menos fálica dessa galharia voltada aos céus. Didi Caillet (cuja família estava no negócio da madeira) conta a lenda de um príncipe herdeiro apaixonado por uma plebeia. Para impedir o enlace, o rei a transforma em árvore. O príncipe enlouquece. Não podendo reverter a transformação da moça, o rei faz o mesmo com o príncipe, que vira um pi-

nheiro com braços agitados em desespero pelo amor perdido (*Ilustração Paranaense*, maio-jun. 1929).

Ou de pavor pela voracidade da serra circular?



Quatro poses da grande declamadora Berta Singerman entre os pinheiros do Paraná.

Fotos de J. B. Groff.

➤ Declamadora Berta Singerman entre pinheiros, por João Baptista Groff, na *Ilustração Paranaense*, junho-julho de 1929

No mesmo período em que *Ilustração Paranaense* vivia seu auge, o Paraná recebeu a visita de F. C. Hoehne, botânico paulista que percorreu nossas paragens e registrou tanto a beleza quanto a já avançada destruição das florestas de imbuia e de pinheiro. A esse relato, publicado em 1930, ele deu o título de *Araucarilândia*¹. Ou seja, “terra das araucárias”, e não “terra dos pinheiros”.

Alguém pode justificar, não sem razão, que a escolha se deve ao fato de Hoehne, como especialista, ter familiaridade com o nome científico *Araucaria angustifolia*. Mas, novamente, eu acrescentaria outra explicação. O botânico estava testemunhando o fim do reinado do Homem-Pinheiro, destruído pelo mesmo mundo que o coroara. O símbolo já não tinha lastro que o sustentasse. O que escapasse da destruição não mais seria pinheiro. Seria araucária, porque significaria resistência.

“Resista como uma araucária”, diz a frase da marca feminista de camisetas. A sina da araucária, a violência de que continua sendo alvo mesmo com leis para sua proteção, facilitam associá-la à condição da mulher paranaense (no Brasil, a segunda que mais sofre tentativa de feminicídio). Ela resiste como as mulheres indígenas e quilombolas, como as que lutam por terra e moradia, como as trabalhadoras periféricas.

O Homem-Pinheiro caducou. É tempo de a Mulher-Araucária simbolizar o Paraná. <

¹A edição fac-similar do livro, publicada em 2014 (com reimpressão em 2020) com organização de José Álvaro da Silva Carneiro, pode ser baixada gratuitamente em www.araucarilandia.com.br.



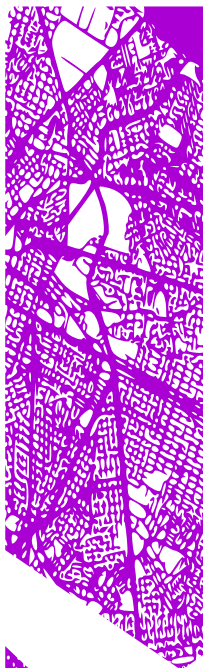
Adriana Tulio Baggio é pesquisadora e trabalhadora do texto. Atua como tradutora italiano-português, preparadora de originais e revisora. Escreve sobre italianística, literatura, livros e patrimônio bibliográfico. É autora de *As mulheres famosas* (Editora UFPR, 2024), tradução da obra de Giovanni Boccaccio, finalista no Prêmio Jabuti Acadêmico Tradução 2025, e coautora, com Marcella Lopes Guimarães, de *As vidas das artistas: biografia e talento entre os séculos XIII e XVI* (Máquina de Escrever, 2024).

Este texto é integrante das ações do projeto "Ilustração Paranaense na Biblioteca Pública do Paraná: indexação e estudo", realizado com recursos do Programa de Incentivo à Cultura — Fundação Cultural de Curitiba, da Prefeitura Municipal de Curitiba, do Ministério da Cultura e do Governo Federal.

Mulheres que circulam pela cidade

Bruna Alcantara, Cris Pagnoncelli
e Maria Vitória Rosa

por Naomi Mateus



O ***Cândido*** publica o especial Outras Palavras, uma série de entrevistas realizadas pela equipe do jornal com as escritoras e artistas participantes das mesas redondas do evento “Ocupação Mulheres Arquivadas” — ação em parceria com o Projeto Mulheres Arquivadas e a Biblioteca Pública do Paraná — realizada no mês de março.

A edição “Mulheres que circulam pela cidade” contou com Bruna Alcantara, Cris Pagnoncelli e Maria Vitória Rosa. O bate-papo girou em torno da escrita, produção artística das mulheres na cidade de Curitiba e a relação desses processos com suas vivências.

> Bruna Alcantara

Bruna Alcantara é artista visual e jornalista. Sua pesquisa artística explora diferentes campos da cultura e dos canais de informações para trabalhar temas como as violências do espaço público e político, assim como as relações do corpo feminino no contexto social e histórico. Nas ruas ou nos objetos de arte, muitas vezes se apropria da sua própria imagem enquanto mãe, através de autorretratos e ressignificação desses objetos: usa seu corpo para dar amplitude a uma voz plural feminina.

A expressão "*flâneuse*" define a mulher como observadora do espaço urbano. Em sua prática, como o analisar a cidade se relaciona com sua arte/escrita a partir de uma perspectiva feminina?

Acho que primeiro é importante falar que fica evidente que os espaços públicos não foram feitos por e para mulheres. É opressor por si só, estar num espaço com nomes de homens, estátuas de homens, seguros para a figura masculina. A mulher, como observadora desse espaço, e também como corpo presente e inserido

nesse espaço, já cria por si só uma tensão nele. Meu trabalho de arte se relaciona com essa tensão, porque parte dele está nas ruas através da linguagem do lambe-lambe, discutindo o papel fundamental da mulher imposto em grande escala ao público. A relação é direta, a reação também, já que comumente minhas obras são tiradas, arrancadas das paredes.

O que lhe causa inspiração?

Que o mundo seja mais igual. Construir um lugar melhor pro coletivo, para o meu filho, para os filhos e filhas de quem está lendo, futuro. Mesmo que isso parta da indignação, e muitas vezes da raiva, é uma maneira de gritar, de dizer que estamos aqui, que somos muitas. Não gosto de pensar que faço por mim, gosto de pensar em representatividade. Se chamam isso de panfletário, se torcem o nariz, se não vende, não é o que me importa. Me inspiram as histórias de outras mulheres, poder contá-las, recontá-las, recriá-las.

Que perguntas você traz para sua escrita/arte?

São muitas, mas acho que a maioria tem a ver com igualdade. Muitas vezes são perguntas óbvias, que ainda precisam ser feitas e repetidas diariamente, para que direitos adquiridos não se percam com facilidade. É preciso sempre colocar tudo em dúvida. Isso é extremamente cansativo para nós mulheres.

Como funciona seu processo de criação?

Não existe um processo metódico, uma rotina. É uma constante, eu nunca paro de ser artista, como um botão que desliga. À medida que eu acolho a arte, ela está sempre aqui: no que eu vejo, consumo, crio, vivo. Meu ateliê tem linhas, revistas antigas, tintas e pincéis, fotografias, tecidos, um material diverso, para a diversidade de sentimentos que podem me atingir e me causar impulso de criação.

Como suas vivências atravessam suas obras?

Minhas vivências são as minhas obras. A partir do momento que se cria de maneira declaradamente autobiográfica, toda vivência está ali, aos olhos da obra materializada.

Cite uma artista que é referência para o seu trabalho.

São tantas, mas atualmente ando apaixonada por Tracey Emin novamente (já fui apaixonada por ela num passado). E claro, as mulheres que me cercam me inspiram mais que ícones que não conheço: amigas, irmãs, mãe, avós, estou sempre lembrando de falas, citações, simpatias, ensinamentos, choros e risadas.



➤ Cristina Pagnoncelli

Foto: Bianca Weiss | Edição: Cíndia

Cristina Pagnoncelli é artista visual, designer e muralista. Com mais de 18 anos de experiência no mercado criativo nacional e internacional, é formada em Design Gráfico pela PUC-PR, tem pós-graduação em *Ilustración Creativa* pela Escola de Disseny i Art (Barcelona, ES) e especialização em *Visual Branding* pela School of Visual Arts (Nova York, EUA). Também é educadora artística e curadora, com foco na igualdade de gênero e no protagonismo feminino realizando projetos como o "LUTE TODOS OS DIAS" – uma iniciativa social que incentiva a arte e conecta mulheres em todo o Brasil.

A expressão "*flâneuse*" define a mulher como observadora do espaço urbano. Em sua prática, como o analisar a cidade se relaciona com sua arte/escrita a partir de uma perspectiva feminina?

É impossível não ser atravessada pela nossa cultura urbana todos os dias. Como uma mulher artista e ciclista, que constantemente ocupa as ruas com um corpo que nem sempre é bem vindo ou se sente seguro aonde

quer que vá, é inevitável que eu coloque todas essas questões e percepções na minha arte. Contar a nossa história, mostrar a nossa visão de mundo, colocar a nossa voz na rua é essencial para que sejamos vistas e, quem sabe, mais respeitadas em nossa existência e vivências.

O que lhe causa inspiração?

A vida em geral. Viver. Me sentir viva. Pedalar, sentir meu corpo em movimento, dançar, ouvir música, criar, pintar. Corpo e mente conectados consumindo ou fazendo arte.

Que perguntas você traz para a sua escrita/arte?

Sempre busco retratar como poderia ser um mundo mais igualitário e justo para nós, mulheres.

Como funciona seu processo de criação?

Pode variar, mas normalmente mergulho em pesquisas, leituras, sons e visuais relacionados ao contexto do projeto que estou envolvida. Muitas vezes apenas viver o dia a dia, estar atenta e presente já é o suficiente para que a criatividade aconteça, nos mínimos detalhes, nas coisas sutis e simples do cotidiano.

Como as suas vivências atravessam suas obras?

Impossível separar a artista de sua arte. Acredito que tudo que faço e coloco no mundo passa pelas minhas experiências sendo uma mulher desejante, curiosa, apaixonada pela vida, com vontade de criar e deixar o mundo mais colorido.

Cite uma artista que é referência no seu trabalho.

São tantas. Difícil citar uma só. Mas deixo o nome de Barbara Kruger, seu trabalho já me influenciou em vários momentos na minha carreira.



Maria Vitória Rosa é escritora, atriz e ativista curitibana. Tem dois livros de poesia publicados: *Poética Pandêmica, Hábitos Políticos* (2023) e *No Limbo* (2024), com lançamentos na Feira Literária do Sesc, Biblioteca Pública do Paraná e Feira do Poeta. Fez sua estreia como atriz e dramaturga no teatro com a peça "A Neta do Sol" em 2024, reapresentada no Festival de Teatro de Curitiba em 2025. Também trabalha na Câmara Municipal de Curitiba, se dedicando à construção de uma cidadania integral, plena e igualitária para pessoas LGBTQIAPN+. Em suas obras aborda questões de identidade de gênero e vivências sociais de uma mulher travesti.

A expressão "flâneuse" define a mulher como observadora do espaço urbano. Em sua prática, como o analisar a cidade se relaciona com sua arte/escrita a partir de uma perspectiva feminina?

Acho que deixamos esse lugar de meras observadoras para trás quando conquistamos nosso espaço político com a luta das sufragistas e posteriormente das femi-

nistas. Nos tornamos agentes históricas ativas com o controle absoluto de nossas narrativas. E como mulher trans, minha escrita tem o dever de ser política, de denunciar as violências que ainda atravessam as mulheres. A cidade é apenas o palco desse show grotesco que o patriarcado financia e alimenta com infundáveis contradições para ele continuar existindo. Meu interesse está na vida das mulheres trabalhadoras do nosso tempo histórico, pois são essas mulheres que ocupam a cidade hoje que me inspiram a criar, que são de fato a revolução.

O que lhe causa inspiração?

São três pontos bem distintos, mas que considero cruciais no meu processo: meus sonhos, a realidade social que estou inserida e minha vida afetiva. Vou falar mais desse lugar onírico pois é o mais influente em meus trabalhos: é um negócio meio Paul McCartney que eu sonho com o poema, acordo e já tento materializá-lo. Engraçado que esses meus sonhos possuem uma estrutura épica, um formato literário, arcos narrativos e por aí vai. Esse lugar parece ser a fonte da minha criatividade, mas acima de tudo é também onde me conecto com as divindades que acredito. É lá que encontro as musas.

Que perguntas você traz para a sua escrita/arte?

Normalmente eu me perco nas perguntas, sou bem avoada. Mas gosto de demarcar pautas fundamentais que permeiam minhas obras e que tento abordar de forma poética. Acho que os marcadores principais seriam: a existência e a história de uma mulher trans lésbica, bruxa, poetisa, atriz e ativista política de esquerda. Tudo que eles mais odeiam, esse é o mote e o ponto de partida das minhas obras.

Como funciona seu processo de criação?

Na força do ódio. No caso, ódio como potência criativa e impulso de vida. Tipo aquele ódio que faz a gente levantar da cama todos os dias, esse movimento que nos impele. Na minha escrita, ele aparece como vontade de produzir, às vezes é mais que vontade, é obrigação mesmo. Estou sempre criando projetos literários, e a partir do tema pensado eu monto o livro com escritos novos e antigos dentro dessa temática. Tenho sempre um bloco de notas por perto e minha produção nasce e cresce da produção manual, me sinto mais à vontade escrevendo a mão para depois transferir para o digital.

Como as suas vivências atravessam suas obras?

Ser uma mulher trans/travesti é por si só um marcador social cheio de camadas, problemáticas individuais e coletivas, nuances que nossa sociedade ainda não consegue lidar com seriedade. Passei quase toda a vida achando que carregava uma maldição por ser diferente. Foram muitos anos para eu entender meu desabrochar, para a minha primavera chegar. Depois que me dei conta que essa maldição era na verdade minha missão, tudo mudou. Ser uma mulher trans é uma missão política, espiritual e principalmente artística, para mim. Uso toda essa potência de uma vivência dissidente para transgredir, para lutar contra a opressão. A arte e a escrita são minhas armas nessa guerra. Nós, pessoas trans, demoramos muito para ocuparmos os espaços que nos foram (cis)sistematicamente negados por tanto tempo e não estamos dispostas a perder um centímetro sequer dessas conquistas. Quero usar essa oportunidade histórica para registrar, imprimir e transcrever as vivências de uma escritora travesti.

Cite uma artista que é referência no seu trabalho.

Cecília Meireles. <

Vítimas perfeitas é a política do apelo

Mohammed El-Kurd

Tradução Rogerio W. Galindo



O jornal **Cândido** publica um trecho inédito do livro *Vítimas perfeitas e a política do apelo*, de Mohammed El-Kurd. Nascido em Jerusalém em 1998, o autor é poeta, ensaísta e jornalista. Aos 27 anos, destaca-se como uma voz central do pensamento palestino contemporâneo.

Sua escrita une lirismo e contundência política, alcançando leitores em diferentes países e ampliando o debate sobre a causa Palestina. Em 2021, El-Kurd foi nomeado uma das 100 pessoas mais influentes do mundo pela revista *TIME*.

Vítimas perfeitas e a política do apelo é seu segundo livro, lançado originalmente nos Estados Unidos em 2025. Em uma escrita certa e sem meias palavras, El-Kurd denuncia a violência colonial e desmonta o discurso que deslegitima quem ousa resistir.

"O argumento do livro é bastante simples, na verdade", disse El-Kurd em entrevista para a *Mondoweiss*. "Não é original — tomo emprestado das tradições radicais negras, de argumentos feministas sobre violência sexual. A ideia de que devemos rejeitar a humanização como pré-condição para a justiça já foi articulada antes.", pontua o escritor.

O livro foi lançado no Brasil pela editora Tabla e traduzido pelo jornalista Rogério Galindo. Confira um trecho do primeiro capítulo: "Não há sangue nas mãos do atirador — sobre desumanização".

1 Não há sangue nas mãos do atirador

Sobre desumanização

E os homens são homens e as mulheres são homens

E as crianças são homens!

Padraic Fiac¹

Nós morremos muito. Morremos em manchetes efêmeras, entre suspiros. Nossa morte é tão cotidiana que os jornalistas a noticiam como se estivessem falando do tempo: Céu nublado, chuvas leves, e três mil palestinos mortos nos últimos dez dias. E assim como no caso do tempo, o único responsável é Deus, e não os colonos israelenses armados, não os ataques direcionados de drones.

Não prestamos atenção a cadáveres nos nossos campos. Sua existência é monótona, previsível. O morticínio é a tal ponto implacável que é quase esperado — antecipado — por aqueles que logo serão abatidos. Seus pulsos, grandes e diminutos, presos às costas por algemas em viaturas policiais. A morte está em toda parte. Até a metáfora é vítima da guerra.

O figurativo se tornou dolorosamente literal: barbas cobertas de sangue, móveis em árvores, um membro dependurado num ventilador de teto, mulheres dando à luz no concreto. Et cetera. Será que estamos acostumados demais com o horror? O que antes era horripilante, o que um dia foi presságio de um desastre, hoje faz parte da paisagem; a morte agora é um espantinho que já não assusta. Mesmo quando os corvos crocitam mais alto, seu ruído atinge apenas ouvidos desinteressados. Não restou nenhuma santidade à morte. Nenhuma divindade vem ao resgate. Morremos esquecidos. Morremos muito e em completo abandono.

Nossos massacres só são interrompidos por intervalos comerciais. Juízes os legalizam. Correspondentes nos matam com voz passiva. Se tivermos sorte, diplo-

¹FIACC, Padraic. *The Selected Padraic Fiac*. Belfast: Blackstaff Press, 1979.

matas dirão que nossa morte é causa de preocupação, porém, eles jamais mencionam os culpados, muito menos os condenam. Políticos, inertes, ineptos ou cúmplices, financiam nossa morte, depois fingem empatia, quando muito. Acadêmicos não se mexem. Quer dizer, isso até que a poeira baixe; depois eles escreverão livros sobre como tudo deveria ter sido. Cunharão termos e coisas do gênero. Lecionarão no pretérito. E os abutres, mesmo em meio a nós, farão passeios por museus, glorificando, romantizando aquilo que um dia condenaram, aquilo que não se dignaram a defender — a nossa resistência —, mistificando, despolitizando, comercializando. Os abutres farão esculturas de nossa carne.² <

²Trechos dessa passagem apareceram em "Are we indeed all Palestinians?" (El-Kurd, 2024c).



Título: *Vítimas perfeitas e a política do apelo* (2025)

Autor: Mohammed El-Kurd

Tradução: Rogério W. Galindo

Projeto gráfico: Bloco Gráfico

Número de páginas: 272

Assunto: Literatura árabe / Não ficção / Palestina

Editora Tabla

Sobre o autor

Mohammed El-Kurd é poeta, escritor e jornalista, nascido em Jerusalém, Palestina ocupada, em 1998. Em 2021, foi nomeado uma das 100 pessoas mais influentes do mundo pela revista *TIME*. Ganhou projeção internacional ao denunciar as tentativas de expulsão de sua família e vizinhos do bairro de Cheikh Jarrah, tornando-se uma das vozes centrais do movimento *#SaveSheikhJarrah*.

Em 2021, discursou na ONU, chamando a atenção dos líderes mundiais para a questão palestina e a inércia da instituição frente à ocupação e os abusos da entidade sionista. Recebeu várias honrarias e prêmios, entre eles o prêmio "Truth in Media", do Arab American Civil Council, em 2022.

Atualmente, El-Kurd vive em Nova York e atua como o primeiro correspondente palestino do jornal *The Nation*. *Rifqa*, sua coletânea de poesias de estreia, publicada originalmente em 2021, foi nomeada "uma obra-prima" pelo *The New Arab*.



Sobre o tradutor

Rogério Galindo nasceu em 1975 em Curitiba. É jornalista, vencedor do prêmio Esso e um dos fundadores do jornal *Plural*. Traduziu mais de 50 livros de autores como George Orwell, Herman Melville, Samuel Beckett e Paul Beatty. Finalista do Jabuti 2016 na categoria Tradução. É o tradutor de *Vítimas perfeitas e a política do apelo*.



Sobre a editora Tabla

A editora **Tabla** tem como foco a publicação de autores do Oriente Médio e do Norte da África, estejam eles em sua terra ou na diáspora. O objetivo é dar voz a literaturas sub-representadas no Brasil, estabelecendo pontes diretas num eixo sul-sul. O catálogo busca representar a diversidade cultural, étnica, linguística e religiosa dessa parte do mundo, contribuindo para o combate a estereótipos e preconceitos amplamente difundidos.



Tortura

Paulo Eduardo Gonçalves

Há setenta e cinco anos,
plantou-se o espinho
que ocupa
desde então
o território palestino.

Plantou-se como se implanta
uma medida impopular
pouco a pouco
passo a passo
em silêncio abissal.

Plantou-se por interesse
do deus das coisas do mundo
Moloch do ouro negro,
deepfake,
estado profundo.

Em pleno deserto
plantou-se o espinho
que cresceu
rasgando a carne
do povo palestino.

A pau e à pedra,
à faca e a ferro
sufocando
suspiro, soluço,
choro e berro.

Nas periferias do mundo
todo mundo é palestino
e sabe que horror e morte,
não é azar,
é destino.



Paulo Eduardo Gonçalves nasceu em Ponta Grossa (PR) e reside em Curitiba. Trabalha como funcionário público no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em 2015, teve seu livro de poesias autopublicado. Também participou de pequenas premiações locais e colaborou em coletâneas regionais. Conquistou o 1º lugar na categoria Poesia no VII Concurso Literário Luci Collin, em 2025.

Cida Godoy Mestra do Terror

Tami Taketani

Maria Aparecida Godoy ou **Cida Godoy** é uma das primeiras roteiristas de quadrinhos de terror no Brasil. Nascida em Guaratinguetá (SP), Cida escrevia contos de terror baseados em crendices populares e em causos de assombração que ouvia desde criança.

Sua primeira história foi publicada aos 14 anos, e nas décadas seguintes, escreveu roteiros e ganhou prêmios, usando o terror não só pelo terror, mas também como elemento questionador de uma realidade muito próxima à nossa. Aos 80 anos, Cida sustenta um olhar desafiador, algo travesso e curioso, como comprova o obturador da câmera.

Em setembro de 2025, a 8ª edição da Bienal de Quadrinhos de Curitiba a homenageou com a exposição "Cida Godoy – Mestra do Terror", no MuMA - Portão Cultural, aberta ao público até 4 de novembro, com entrada gratuita. <



Tami Taketani é fotojornalista e videomaker no Jornal *Plural* desde 2022. Formada em Cinema e Vídeo pela FAP/UNESPAR, trabalhou como livreira na Itiban Comic Shop. Integra a organização da Encrenca Coletiva, selo de quadrinhos de mulheres e pessoas trans. As fotos foram feitas no apartamento de Cida, no bairro Jardim Paulista, em São Paulo.

















EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretária da Cultura do Estado do Paraná

Luciana Casagrande Pereira Ferreira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editora

Marianna Camargo

Redação, pesquisa e produção

Bianca Weiss

Isa Honório

Leticia Lopes de Souza

Maria Beatriz Peres

Estagiária

Naomi Mateus

Colaboradores desta edição

Adriana Tulio Baggio

Editora Tabla

Tami Taketani

Paulo Eduardo Gonçalves

Capa

Iuri De Sá

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Iuri De Sá



Cândido

imprensa@bpp.pr.gov.br | jornalcandido@gmail.com

bpp.pr.gov.br/Candido

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)

[facebook.com/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

**cultura
paraná**

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

